

PHILIP PULLMAN

A Faca  
Sutil

TRADUÇÃO  
Eliana Sabino



Copyright © 1997 by Philip Pullman

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
The Subtle Knife

*Design e ilustração de capa*  
crushed.co.uk/ Scholastic Ltd.

*Preparação*  
Pedro Staite

*Revisão*  
Geuid Dib Jardim  
Laura Victal

*Coordenação editorial*  
Página Viva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Pullman, Philip  
A faca sutil / Philip Pullman ; tradução Eliana Sabino.  
— 2ª ed. — Rio de Janeiro : Suma de Letras, 2017.

Título original: The Subtle Knife.  
ISBN 978-85-5651-044-0

1. Ficção inglesa 1. Título.

17-06048

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Praça Floriano, 19 – Sala 3001 – Cinelândia  
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ  
Telefone: (21) 3993-7510  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)  
[facebook.com/sumadeletrasbr](https://facebook.com/sumadeletrasbr)  
[instagram.com/sumadeletras\\_br](https://instagram.com/sumadeletras_br)  
[twitter.com/Suma\\_BR](https://twitter.com/Suma_BR)

# Sumário

1. A gata e as árvores .....	7
2. Entre as feiticeiras .....	31
3. Um mundo infantil .....	53
4. A trepanação .....	67
5. Papel de correio aéreo .....	93
6. Os voadores luminosos .....	105
7. O Rolls Royce .....	129
8. A Torre dos Anjos .....	148
9. O roubo .....	168
10. O xamã .....	182
11. O mirante .....	195
12. A linguagem da tela .....	208
13. Æsahættr .....	224
14. A ravina do álamo .....	244
15. Musgo-de-sangue .....	268

## 1. A GATA E AS ÁRVORES

Will puxou a mãe pela mão, dizendo:

— Vamos, *vamos...*

Mas a mãe resistia; ainda estava com medo. À luz do entardecer, Will olhou de um lado para outro da ruela estreita — um quarteirão pequeno, cada casa atrás de seu jardimzinho minúsculo e sua cerca viva, com o sol refletindo nas janelas de um lado e deixando o outro na sombra. Não tinham muito tempo; àquela hora, as pessoas deviam estar jantando, mas logo haveria outras crianças por ali, para prestar atenção, perceber, comentar. Era perigoso esperar — mas, como sempre, a única coisa que ele podia fazer era tentar convencer a mãe.

— Venha, vamos entrar e ver a sra. Cooper — disse ele. — Olhe, é logo ali.

— A sra. Cooper? — repetiu a mãe, em dúvida.

No entanto, ele já estava tocando a campainha. Para isso, teve que deixar a mala no chão, pois a outra mão ainda segurava a da mãe. Ele, aos doze anos de idade, até poderia ficar envergonhado de ser visto de mãos dadas com a mãe, mas sabia o que aconteceria se não fizesse isso.

A porta foi aberta, e surgiu a figura idosa e encurvada da professora de piano, com seu leve perfume de lavanda, como ele lembrava.

— Minha nossa! É você, William? — perguntou a senhora idosa. — Não te vejo há mais de um ano. O que você quer, meu filho?

— Quero entrar, por favor. Eu e a minha mãe — disse ele, decidido.

A sra. Cooper olhou para a mulher de cabelos despenteados e um meio sorriso espantado, e para o menino com um brilho forte e infeliz nos olhos, lábios contraídos, queixo saliente. E percebeu então que a sra. Parry, a mãe de Will, colocara maquiagem em um dos olhos, mas não no outro. E a mulher não tinha reparado nisso. Nem Will. Alguma coisa estava errada.

— Bem... — murmurou ela, dando passagem para que eles pudessem entrar pelo corredor estreito.

Will olhou para os dois lados da rua antes de fechar a porta; a sra. Cooper notou que a sra. Parry agarrava com força a mão do filho e percebeu o carinho com que ele a conduziu para dentro da sala de estar, onde ficava o piano (naturalmente, era um lugar da casa que ele já conhecia). Ela também reparou que as roupas da sra. Parry tinham um leve cheiro de mofo, como se tivessem ficado tempo demais na máquina de lavar antes de serem postas para secar; e que os dois se pareciam muito, sentados no sofá, o sol do final de tarde caindo em cheio no rosto deles: as maçãs salientes, os olhos grandes, as sobrancelhas retas e negras.

— Que foi, William? — perguntou a senhora. — Qual é o problema?

— Mamãe precisa de um lugar para ficar alguns dias — explicou ele. — No momento está muito difícil cuidar dela em casa. Não que ela esteja doente, só está meio confusa e fica um pouco preocupada. Não é difícil tomar conta dela. Mamãe só precisa de alguém que trate ela com carinho, e acho que isso não seria problema para a senhora, com certeza.

A mulher olhava para o filho parecendo não entender, e a sra. Cooper viu um arranhão no rosto dela. Will não tirara os olhos da sra. Cooper, e sua expressão era de desespero.

— Ela não vai te dar despesas — prosseguiu ele. — Eu trouxe alguns pacotes de comida, acho que será suficiente. É para a senhora, também. Ela não vai se importar em dividir.

— Mas... Não sei se devo... Ela não precisa de um médico?

— Não! Ela não está doente.

— Mas deve haver alguém que possa... Quer dizer, não há um vizinho, ou alguém da família...

— Nós não temos família. Somos só nós dois. E os vizinhos são ocupados demais.

— E o serviço social? Não estou querendo enxotar você, filho, mas...

— Não, não. Ela só precisa de um pouco de cuidado. Não vou poder fazer isso, mas é por pouco tempo, não vai demorar muito. Tenho que... Tenho algumas coisas para fazer. Mas logo estarei de volta e vou levar minha mãe de novo para casa, prometo. A senhora não vai precisar cuidar dela por muito tempo.

A mãe olhava para o filho com toda a confiança, e ele sorriu para ela com todo o amor, transmitindo a ela tanta segurança que a sra. Cooper não conseguiu negar.

— Bem, com certeza não será ruim, por um dia ou dois. — E falou para a sra. Parry: — Querida, pode ficar no quarto da minha filha. Ela está na Austrália e não vai precisar dele.

— Obrigado — disse Will, ficando de pé como se estivesse com pressa de ir embora.

— Mas para onde você vai? — perguntou a sra. Cooper.

— Vou ficar com um amigo — disse ele. — Vou ligar sempre que puder. Tenho o seu número. Vai dar tudo certo.

A mãe olhava para ele, confusa; Will lhe deu um beijo meio sem jeito.

— Não se preocupe — disse. — A sra. Cooper vai cuidar de você melhor que eu, pode acreditar. E amanhã eu telefono e falo com você.

Os dois se abraçaram com força, e então Will a beijou novamente, retirando com ternura os braços dela de seu pescoço, antes de ir em direção à porta da casa. A sra. Cooper notou que ele estava perturbado, pois tinha os olhos brilhantes, mas ele não se esqueceu de se despedir e de agradecer.

— Adeus, e muito obrigado — disse ele, estendendo a mão.

— William, eu queria que você me contasse qual é o problema...

— É um pouco complicado, mas ela não vai dar trabalho, prometo.

Ela não tinha perguntado isso, e ambos sabiam; mas, de um modo ou de outro, Will estava cuidando dos seus assuntos, fossem quais fossem. A anciã nunca tinha visto uma criança tão determinada.

Ele se virou, já pensando na casa vazia.

A rua sem saída onde Will e a mãe moravam era uma curva fechada de estrada em um loteamento moderno, com uma dúzia de casas idênticas, das quais a deles era, de longe, a mais modesta. O jardim da frente era apenas um gramado cheio de ervas; no início do ano, a mãe tinha plantado algumas flores, que, no entanto, secaram e morreram por falta de água. Quando Will dobrou a esquina, a gata Moxie saiu de seu local favorito, sob a única hortênsia ainda viva, e se espreguiçou antes de cumprimentar o garoto com um miado baixo e esfregar a cabeça contra a perna dele.

Ele a pegou no colo e cochichou:

— Eles voltaram, Moxie? Você viu algum deles?

A casa estava silenciosa. Aproveitando o que ainda restava da luz do dia, o morador da casa em frente estava lavando o carro, mas não prestou atenção em Will, e o garoto não olhou para ele. Quanto menos as pessoas percebessem sua presença, melhor.

Segurando Moxie junto ao peito, Will destrancou a porta e entrou rapidamente. Então ficou escutando com atenção, antes de soltar o animal. Não havia ruído algum; a casa estava vazia.

Abriu uma lata de comida para a gata e a deixou comendo na cozinha. Quanto tempo levaria até o homem voltar? Will não sabia, então era melhor agir depressa. Subiu a escada e começou a busca.

Estava procurando um estojo de couro verde, gasto pelo tempo. Havia uma quantidade surpreendente de lugares onde se poderia esconder uma coisa daquele tamanho, mesmo em uma casa moderna comum — não era preciso haver painéis secretos e porões enormes para dificultar a busca de alguma coisa. Will procurou primeiro no quarto da mãe, constrangido ao revistar as gavetas em que ela guardava as roupas íntimas, e depois procurou em cada cantinho dos quartos no andar de cima, inclusive o dele. Moxie veio ver o que ele estava fazendo; ficava sentada em um canto, se lambendo e lhe fazendo companhia.

Mas Will não encontrou o que procurava.

Já estava escuro e ele estava com fome. Preparou feijão enlatado com torradas e, enquanto comia, planejou como continuaria sua busca no térreo.

Estava quase terminando quando o telefone tocou.

Ele ficou imóvel, o coração disparado. Contou: foram vinte e seis toques até parar. Colocou o prato na pia e recomeçou a busca.

Quatro horas depois, ainda não tinha encontrado o estojo de couro verde. Era uma e meia da manhã, ele estava exausto. Caiu na cama como estava e adormeceu de imediato; teve sonhos tumultuados e cheios de gente, com o rosto infeliz e assustado da mãe sempre presente, mas fora do seu alcance.

E, ao que pareceu ser quase no mesmo instante (embora tivesse

dormido três horas), ele despertou tendo certeza de duas coisas ao mesmo tempo.

A primeira: sabia onde o estojo estava escondido. A segunda: sabia que os homens estavam lá embaixo, abrindo a porta da cozinha.

Ergueu Moxie para tirá-la do caminho e com delicadeza silenciou seu protesto sonolento. Depois se sentou na cama e calçou os sapatos, forçando cada nervo para ouvir os ruídos do térreo — ruídos bastante abafados: uma cadeira levantada e recolocada no chão, um cochicho breve, o ranger de uma tábua do assoalho.

Movendo-se com menos barulho do que eles, o menino saiu do quarto e foi na ponta dos pés até o cômodo vazio no alto da escada. A escuridão não era total, e, à luz cinzenta e fantasmagórica que precedia o amanhecer, ele avistou a velha máquina de costura. Tinha revistado o quarto algumas horas antes, mas se esquecera de verificar o compartimento na lateral da máquina, onde ficavam guardadas as agulhas e carretilhas.

Tateou cuidadosamente, sem deixar de escutar. Os homens ainda estavam no térreo, e Will podia ver, pela fresta da porta, uma luz fraca que poderia ser de uma lanterna.

Então encontrou o fecho do compartimento e o abriu com um estalido; lá dentro, como ele sabia, estava o estojo de couro.

E agora, o que poderia fazer?

No momento, nada. Ficou agachado, o coração disparado, escutando atentamente.

Os dois homens estavam no corredor de entrada. Ele ouviu os dois conversarem baixinho:

— Vamos, estou ouvindo o leiteiro entrar na outra rua.

— Mas o negócio não está aqui, vamos ter que procurar lá em cima — disse a outra voz.

— Então vá logo. Não perca tempo.

Will se esticou, tenso, ao ouvir o rangido baixo do último degrau. O homem procurava não fazer barulho, mas só quem conhecesse bem a escada poderia evitar aquele ruído. Então houve uma pausa. Will viu pela faixa bem estreita por baixo da porta o facho da lanterna varrer o chão do lado de fora.

Então a porta começou a se mover. Will esperou até o homem estar



emoldurado pela porta aberta e então saltou da escuridão, jogando-se contra a barriga do intruso.

Mas nenhum dos dois viu a gata.

Quando o homem chegara ao último degrau, Moxie saíra silenciosamente do quarto e ficara parada, com o rabo erguido, logo atrás das pernas dele, pronta para se esfregar nelas. O homem poderia ter dado cabo de Will, pois era grande, forte e bem treinado, mas a gata estava no caminho e ele tropeçou no animal quando deu um passo para trás; e com um grito abafado caiu de costas escada abaixo, batendo a cabeça brutalmente na mesa que ficava na entrada.

Will escutou um estalo horrível, mas não parou para pensar nisso: desceu a escada em um salto, passando por cima do corpo que se contorcia, agarrou a sacola de compras que estava em cima da mesa e saiu pela porta da frente, fugindo antes que o outro homem pudesse fazer algo mais do que surgir à porta da sala.

Mesmo com medo e pressa, Will se perguntou por que o outro homem não gritara nem saíra atrás dele. Mas logo estariam à sua procura com seus carros e seus celulares. A única coisa a fazer era correr.

Viu o leiteiro entrar na rua, os faróis de seu carro elétrico pálidos ao brilho da aurora que já enchia o céu. Will pulou o muro para o jardim vizinho, desceu o corredor ao lado da casa, pulou o muro oposto, cruzou um gramado molhado de orvalho, atravessou a cerca viva e entrou no emaranhado de árvores e moitas que ficava entre o loteamento e a rua principal. Lá, rastejou para debaixo de uma moita e se deitou, ofegante e trêmulo. Era cedo demais para ficar na rua: melhor esperar até mais tarde, quando houvesse mais movimento.

Não conseguia parar de pensar no estalo que ouviu quando a cabeça do homem bateu na mesa, e no modo como o pescoço dele estava torcido, tão estranho, e os horrendos espasmos das pernas. O homem estava morto. Ele o tinha matado.

Não conseguia tirar isso da cabeça, mas precisava. Havia muita coisa em que pensar. Sua mãe: ela ficaria realmente segura onde estava? A sra. Cooper não ia contar, ia? Mesmo se Will não voltasse como tinha prometido? Porque poderia não voltar, agora que tinha matado alguém.

E Moxie. Quem daria comida a ela? Moxie ficaria preocupada com ele e a mãe? Tentaria ir atrás dele?

Estava ficando mais claro a cada minuto. Já havia luz suficiente para ele verificar as coisas na sacola de compras: a bolsa da mãe, a última carta do advogado, o mapa do sul da Inglaterra, barras de chocolate, pasta de dente, meias e calças. E o estojo de couro verde.

Estava tudo ali. Na realidade, tudo saíra conforme o planejado.

A não ser uma coisa: ele tinha matado uma pessoa.

Will tinha sete anos de idade quando percebeu que a mãe era diferente e que ele tinha que tomar conta dela. Estavam em um supermercado e faziam uma brincadeira: só podiam colocar alguma coisa no carrinho quando ninguém estivesse olhando. A função de Will era olhar em volta e cochichar “Agora!”, e ela então pegava depressa uma lata ou um pacote na prateleira e colocava no carrinho. Com a mercadoria dentro do carrinho, eles estavam seguros, porque ficavam invisíveis.

Era uma ótima brincadeira, que durou algum tempo, pois era manhã de sábado e o mercado estava cheio, mas eles eram bons nisso e juntos trabalhavam bem. Confiavam um no outro. Will amava muito a mãe e sempre lhe dizia isso, e ela dizia a mesma coisa a ele.

Dessa forma, quando chegaram à caixa registradora, Will estava empolgado e feliz porque quase tinham vencido. Mas a mãe não conseguiu encontrar a bolsa, e isso também fazia parte da brincadeira, mesmo quando ela disse que os inimigos a tinham roubado. Mas a essa altura Will estava ficando cansado, além de faminto; a mãe já não estava tão feliz — ela estava realmente assustada, e os dois ficaram dando voltas no mercado, recolocando todos os produtos nas prateleiras, mas dessa vez tiveram que ter ainda mais cuidado, porque os inimigos estavam no rastro dela através dos números do cartão de crédito, que eles sabiam quais eram, pois estavam com a bolsa dela...

E Will ficava cada vez mais amedrontado. Percebia a esperteza da mãe ao fazer do perigo real uma brincadeira, para que ele não ficasse assustado, e via também que, agora que sabia a verdade, precisava fingir não estar com medo, para que ela ficasse tranquila.

Portanto, o menininho fingiu que ainda era uma brincadeira, para que ela não tivesse que se preocupar com o medo dele, e os dois foram para

casa sem as compras, mas a salvo dos inimigos. E então Will encontrou a bolsa na mesa do corredor de entrada. Na segunda-feira foram ao banco, fecharam a conta dela e abriram uma nova em outro lugar, só para terem certeza. E assim o perigo passou.

Mas nos meses seguintes Will percebeu, aos poucos e contra a sua vontade, que aqueles inimigos da mãe não estavam no mundo lá fora, mas dentro da mente dela. Isso não os tornava menos reais, nem menos assustadores ou perigosos; significava apenas que ele teria que protegê-la ainda mais. E desde o instante no mercado em que ele percebeu que deveria fingir para que ela não ficasse preocupada, parte de sua mente estava sempre alerta à ansiedade dela. Will amava tanto a mãe que morreria para protegê-la.

Quanto ao pai, ele desaparecera muito antes de Will ter capacidade para se lembrar dele. Will tinha muita curiosidade sobre o pai e enchia a mãe de perguntas às quais ela quase nunca sabia responder.

- Ele era rico?
- Para onde ele foi?
- Por que ele foi?
- Ele está morto?
- Ele vai voltar?
- Como ele era?

Essa última era a única pergunta a que ela sabia responder. John Parry tinha sido um homem bonito, um oficial da Marinha Real corajoso e inteligente, que abandonou a carreira militar para se tornar explorador e guiar expedições a regiões distantes do mundo. Will adorou saber disso: nada poderia ser mais legal do que ter um pai explorador. Daí em diante, em todas as suas brincadeiras ele tinha um companheiro invisível: Will e o pai estavam juntos abrindo caminho na mata, ou em um barco protegendo os olhos com a mão para observar o mar revolto, ou erguendo uma lanterna para iluminar inscrições misteriosas em uma caverna infestada de morcegos... Eram melhores amigos, salvaram a vida um do outro inúmeras vezes, riam e conversavam junto à fogueira até tarde da noite.

Mas, ao ficar mais velho, Will começou a se perguntar. Por que não havia retratos do pai em alguma parte do mundo, com homens de barba coberta de gelo em trenós no Ártico ou estudando ruínas cobertas pelo

mato na selva? Nada restara dos troféus e das curiosidades que ele certamente tinha trazido para casa? Não havia um só livro que falasse dele?

A mãe não sabia. Mas uma coisa que ela costumava dizer ficou guardada para sempre na mente dele:

— Um dia você vai seguir os passos do seu pai e ser um grande homem também. Vai levar o manto dele.

E, embora não soubesse o que isso significava, Will entendia o sentido e ficava orgulhoso, com um objetivo: todas as suas brincadeiras se tornariam realidade. O pai estava vivo, perdido em algum lugar, e ele ia salvá-lo e levar o manto dele... Valia a pena viver uma vida difícil quando se tinha um objetivo grandioso como esse.

Então, ele guardou em segredo o problema da mãe. Às vezes ela ficava mais calma e mais lúcida, e ele tratava de aprender com ela como fazer compras, cozinhar e manter a casa limpa, para poder fazer essas tarefas nos períodos em que ela estivesse confusa e assustada. E aprendeu também a se esconder. Nunca chamava atenção, nem na escola nem na vizinhança, mesmo quando a mãe se encontrava em um estado de medo e loucura tão profundo que mal conseguia falar. O maior medo de Will era que as autoridades descobrissem sobre ela, a levassem embora e o fizessem ir morar com desconhecidos. Qualquer coisa era melhor que isso. Porque às vezes a mente da sra. Parry clareava e ela ficava feliz outra vez, ria dos próprios medos e o abençoava por cuidar dela tão bem. E o tratava com tanto amor e carinho que ele não podia imaginar uma companhia melhor, e nada mais desejava senão viver só com ela para sempre.

Mas então apareceram aqueles homens.

Não eram da polícia, não eram do serviço social nem eram criminosos — pelo menos era o que Will podia julgar. Não lhe disseram o que queriam; só estavam dispostos a falar com a mãe dele. E ela não andava nada bem.

O garoto ficou escutando atrás da porta e ouviu quando eles perguntaram pelo pai dele, e sentiu sua respiração acelerar.

Os homens queriam saber o paradeiro de John Parry, e se ele tinha mandado alguma coisa para ela, e quando ela teve notícias dele pela última vez, e se ele fizera algum contato com qualquer embaixada estrangeira. Will percebeu que a mãe ficava cada vez mais nervosa, e finalmente ele entrou na sala e mandou os homens irem embora.

Will parecia tão feroz que nenhum dos dois homens riu, embora ele fosse apenas um menino. Podiam simplesmente tê-lo derrubado, ou imobilizado seu corpo no chão com uma das mãos, mas ele era destemido, e sua raiva era ardente e mortal.

Eles foram embora. Naturalmente, depois disso, Will teve certeza absoluta: só ele poderia ajudar o pai, que estava em apuros. Suas brincadeiras já não eram infantis, e ele não brincava tão abertamente. A fantasia estava virando realidade, e ele teria que mostrar que estava pronto para fazer sua parte.

Não muito depois, os homens voltaram, insistindo que a mãe de Will não dissera tudo o que sabia. Foram lá quando Will estava na escola, e um deles ficou conversando com ela no térreo enquanto o outro revistava os quartos. Ela não percebeu o que estavam fazendo. Mas Will voltou para casa mais cedo e os encontrou lá. Mais uma vez brigou com eles, e mais uma vez eles partiram.

Pareciam intuir que ele não procuraria a polícia, por medo de perder a mãe para as autoridades, e insistiram cada vez mais. Finalmente arrombaram a porta e entraram na casa quando Will tinha saído para buscar a mãe no parque: ela estava pior agora e acreditava que tinha que tocar em cada tábua de cada banco que margeava o lagozinho. Will resolveu ajudá-la, para acabar logo com aquilo. Quando se aproximavam de casa, avistaram a traseira do carro dos homens saindo do beco, e ao entrar ele viu que tinham revistado a casa toda, remexendo na maioria das gavetas e dos armários.

Sabia o que eles estavam procurando. O estojo de couro verde era o objeto mais precioso que sua mãe possuía, e ele jamais sonharia em abri-lo, nem sequer imaginava onde ela o guardava, mas sabia que o objeto continha cartas e que ela as lia às vezes, e chorava, e era então que ela falava sobre o pai dele. Então, Will supunha que era isso que os homens procuravam e concluiu que precisava fazer alguma coisa.

Decidiu que primeiro encontraria um lugar seguro para a mãe ficar. Pensou e pensou, mas não tinha amigos a quem pedir, e os vizinhos já estavam desconfiados. A única pessoa que ele achava digna de confiança era a sra. Cooper. Assim que a mãe estivesse em segurança, ele encontraria o estojo de couro verde, veria o que havia nele e depois iria para Oxford, onde encontraria respostas para algumas de suas perguntas.

Mas os homens voltaram cedo demais.

E agora ele tinha matado um deles.

E a polícia também estaria atrás dele.

Ora, Will sabia como proceder para que as pessoas não prestassem atenção nele. Teria que conseguir fazer melhor do que nunca e continuar assim pelo tempo que fosse possível, até encontrar o pai ou até que eles o encontrassem. E, se o encontrassem antes, ele não se importaria em matar quantos fosse necessário.

No fim desse mesmo dia, já perto da meia-noite, Will estava saindo a pé da cidade de Oxford, a sessenta e cinco quilômetros de casa. Estava exausto; tinha viajado de carona, de ônibus (dois) e a pé, e eram seis da tarde quando chegara a Oxford, tarde demais para fazer o que precisava ser feito; então comeu no Burger King e se refugiou em um cinema (ainda que não tivesse conseguido prestar a menor atenção ao filme). Agora estava caminhando por uma rua muito comprida, atravessando os subúrbios em direção ao norte.

Até então ninguém tinha notado sua presença. Mas ele sabia que era melhor encontrar logo um lugar para dormir, pois, quanto mais tarde ficasse, mais ele chamaria atenção. O problema era que não havia onde se esconder nos jardins das casas confortáveis ao longo daquela rua, e ainda não havia sinal de campo aberto.

Chegou a um trevo largo, um grande entroncamento no qual a rua que ele percorria rumo ao norte cruzava com a via de acesso a Oxford, esta na direção leste-oeste. Àquela hora da noite havia pouco tráfego, e a rua em que ele estava era tranquila, com casas aconchegantes, cercadas de arbustos e separadas da calçada, nos dois lados da rua, por um extenso gramado. Plantadas ao longo do gramado, quase na beira da calçada, havia duas fileiras de árvores de aparência estranha, de copas muito densas e perfeitamente simétricas, mais parecidas com desenhos infantis do que com árvores de verdade. A luz dos postes da rua dava ao lugar uma aparência artificial, como um cenário. Will estava entorpecido de cansaço e poderia ter seguido para o norte ou se deitado no gramado para dormir embaixo de uma daquelas árvores; mas, enquanto estava parado, tentando se decidir, viu um gato.

Era uma fêmea, como Moxie; surgiu de um jardim na calçada em que Will estava. Ele colocou a sacola no chão e estendeu a mão; a gata chegou mais perto e esfregou a cabeça nos dedos dele, exatamente como Moxie fazia. Naturalmente todos os gatos faziam isso, mas mesmo assim Will sentiu uma vontade tão grande de voltar para casa que seus olhos se encheram de lágrimas.

A gata enfim resolveu ir embora; era noite, e havia um território para patrulhar, ratos para caçar. Ela atravessou a rua e o gramado até chegar às árvores, parando por ali.

Will ainda estava observando e reparou que o animal se comportava de maneira curiosa.

A gata estendeu uma pata para tatear alguma coisa no ar à sua frente, algo invisível para Will. Depois saltou para trás, as costas arqueadas e os pelos eriçados, o rabo rígido no ar. Will conhecia o comportamento felino; observou com mais atenção conforme a gata tornava a se aproximar do local — um trecho de gramado entre as árvores e os arbustos de uma cerca de jardim — e mais uma vez tateava o ar.

A gata saltou para trás novamente, mas dessa vez bem menos assustada. Depois de mais alguns segundos farejando, tateando e fremindo os bigodes, a curiosidade venceu o medo.

A gata avançou alguns passos e desapareceu.

Will piscou, duvidando do que havia visto. Então ficou imóvel, grudado ao tronco da árvore mais próxima, enquanto um caminhão virava a esquina e seus faróis deslizavam sobre ele. Depois que o caminhão passou, ele atravessou a rua, os olhos fixos no local onde a gata estivera. Não era fácil, pois não havia nada para marcar o lugar, mas, quando chegou lá e olhou em volta com atenção, ele viu.

Pelo menos de alguns ângulos. Era como se alguém tivesse cortado um pedaço do ar a uns dois metros da calçada, um pedaço que formava um quadrado grosseiro com menos de um metro de lado. Para quem estivesse vendo lateralmente, era quase impossível enxergar o quadrado, e por trás era totalmente invisível; só podia ser visto pelo lado mais próximo da calçada, e mesmo assim com dificuldade, pois tudo o que se podia ver através dele era exatamente o mesmo que havia na frente dele deste lado: um trecho de gramado iluminado por um poste de rua.

Mas Will sabia, sem a menor dúvida, que aquele gramado do outro lado ficava em outro mundo.

Não sabia por quê, mas sabia, como sabia que o fogo queimava e que a bondade era boa: estava olhando para alguma coisa totalmente alienígena.

E apenas por isso ele se inclinou e olhou mais para dentro. O que viu fez sua cabeça girar e o coração bater com mais força, mas ele não hesitou: jogou para dentro a sacola e passou através do buraco no tecido deste mundo, para dentro de outro mundo.

Viu que estava sob uma fileira de árvores. Mas essas eram palmeiras altas, que, como as árvores em Oxford, formavam uma fileira ao longo do gramado. A rua ali era uma avenida larga, com um dos lados repleto de cafés e lojinhas, portas abertas, tudo muito iluminado, e tudo inteiramente silencioso e deserto sob um céu coberto de estrelas. A noite quente trazia o perfume de flores e o cheiro salgado do mar.

Will olhou em volta com cuidado. Atrás dele a lua cheia brilhava sobre uma paisagem distante de grandes montes verdes, e nas encostas dos morros havia casas com ricos jardins e um parque aberto, com pequenos bosques e o brilho alvo de um templo clássico.

Logo atrás dele ficava o rasgo no ar, tão difícil de distinguir desse lado quanto era do outro, mas sem dúvida estava lá. Ele se inclinou para olhar através da fenda e viu a rua em Oxford, em seu próprio mundo. Sentiu um arrepio: fosse o que fosse esse outro mundo, tinha que ser melhor do que aquele que acabara de deixar. Ainda um pouco tonto, com uma sensação de sonhar e estar acordado ao mesmo tempo, ele se endireitou e olhou em volta à procura da gata, sua guia.

Ela não estava à vista. Com certeza já estava explorando aquelas ruelas e os jardins atrás dos cafés de luzes tão convidativas. Will pegou sua velha sacola de compras e atravessou lentamente a rua naquela direção; caminhava com cuidado, ainda com receio de tudo desaparecer.

Aquele lugar o fazia pensar em cidades do Mediterrâneo ou do Caribe, como via nas fotos. Will nunca tinha saído da Inglaterra, então não podia comparar, mas era o tipo de lugar que as pessoas procuravam tarde da noite a fim de comer e beber, dançar e ouvir música. Mas não se via uma pessoa sequer, e o silêncio era intenso.

Na primeira esquina havia um café com mesinhas verdes na calçada,



um balcão com tampo de zinco e uma máquina de café expresso. Havia copos cheios pela metade, em algumas das mesas; em uma delas, um cigarro queimara até o filtro; um prato de risoto estava ao lado de uma cestinha de pães velhos, duros como papelão.

Ele pegou uma garrafa de refrigerante na geladeira atrás do bar e pensou por um instante antes de deixar uma moeda de uma libra na caixa registradora. Assim que a fechou, tornou a abri-la, imaginando que o dinheiro ali guardado pudesse lhe mostrar que lugar era aquele. O dinheiro se chamava corona, mas além disso ele nada mais conseguiu descobrir.

Will colocou o dinheiro de volta, abriu a garrafa com o abridor preso ao balcão e saiu do café, descendo a rua que se afastava da avenida. Pequenas quitandas e padarias ficavam entre joalherias e floriculturas, e portas com cortinas de contas levavam a residências. Quase todas tinham sacadas de ferro trabalhado, cobertas de flores, que se debruçavam bem acima da calçada estreita. Ali, o silêncio parecia ainda mais profundo, como se tivesse sido aprisionado.

As ruas eram em declive e logo terminavam em uma avenida larga, na qual outras palmeiras se erguiam no ar, a parte inferior das folhas brilhando à luz dos postes.

Do outro lado da avenida estava o mar.

Will chegou a um porto fechado à esquerda por um quebra-mar de pedras e à direita por rochas que domavam a força do oceano. Entre árvores e uma espécie de jardim, havia um prédio grande, com colunas de pedra, larga escadaria e sacadas ornamentadas — tudo iluminado por holofotes. No porto, um ou dois barcos a remo estavam ancorados, e para além do quebra-mar o brilho das estrelas se refletia nas águas paradas.

A essa altura o cansaço de Will desaparecera: ele estava totalmente acordado e cada vez mais espantado. De vez em quando, conforme caminhava pelas ruas estreitas, ele estendia a mão para tocar em uma parede, em uma porta, nas flores de uma jardineira sob uma janela, e tudo era sólido e convincente; agora ele queria tocar em toda a paisagem à sua frente, porque ela era ampla demais para ser apreendida somente pelos olhos. Ficou ali parado, respirando profundamente, quase que com medo.

Reparou que ainda estava segurando a garrafa que havia trazido do

café e provou o líquido, que tinha sabor daquilo que realmente era: soda limonada gelada — e muito bem-vinda, porque a noite estava quente.

Virou para a direita e seguiu pela avenida à beira-mar, passando por hotéis com toldos acima das entradas que brilhavam à luz dos postes, ladeadas de buganvílias floridas. O prédio que ficava entre as árvores, com sua frente trabalhada, iluminada por refletores, poderia ser um cassino, ou até mesmo um teatro para grandes espetáculos. No jardim que o cercava, por entre as espirradeiras floridas de cujos ramos pendiam lâmpadas, havia alamedas que levavam a diversas direções. Mas não se ouvia sequer um som de vida: nenhum pássaro noturno, nenhum inseto, nada além do ruído dos passos do próprio Will.

O único som que ele ouvia, abafado e regular, vinha das marolas que quebravam mansamente na praia, além do das folhas das palmeiras agitadas pela brisa no jardim. Will foi em direção ao mar. A maré estava a meia altura, e alguns pedalinhos tinham sido puxados para fora do alcance da água, formando uma fileira na areia branca e macia. A intervalos de poucos segundos, uma onda minúscula dobrava-se na areia antes de deslizar de volta, harmoniosamente, sob a ondulação seguinte. A uns cinquenta metros mar adentro, uma plataforma de mergulho flutuava na água calma.

Will se apoiou na lateral de um dos pedalinhos e arrancou seus tênis baratos, que já estavam se desmanchando e apertavam seus pés em brasa. Deixou as meias junto aos sapatos e enfiou os dedos dos pés na areia. Segundos depois, já sem as roupas, entrava no mar.

A água estava deliciosa, entre fresca e morna. Ele nadou até a plataforma de mergulho, onde subiu para se sentar nas tábuas alisadas pelo tempo e ficou olhando a cidade.

À sua direita, o porto cercado pelo quebra-mar. Atrás dele, a cerca de dois quilômetros, ficava um farol listrado de vermelho e branco. Atrás do farol viam-se vagamente penedos distantes e, mais além, aquelas grandiosas montanhas que ele avistara assim que atravessou o buraco no ar.

Mais perto estavam as árvores luminosas dos jardins do cassino, as ruas da cidade e a avenida ao longo da praia, com seus hotéis, cafés e lojas acolhedoramente iluminados — tudo silencioso, tudo deserto.

E tudo seguro. Ninguém poderia ir atrás dele ali; o homem que revis-

tara a casa não teria como saber onde ele estava; a polícia nunca o encontraria. Ele tinha um mundo inteiro onde se esconder.

Pela primeira vez desde que saíra correndo pela porta de casa, naquela manhã, Will começava a se sentir a salvo.

Estava novamente com sede, e com fome também, pois, afinal de contas, na última vez que tinha comido alguma coisa ainda estava em outro mundo. Deslizou de volta para a água e nadou com calma até a praia, onde vestiu a cueca e recolheu o resto das roupas e a sacola de compras. Deixou cair a garrafa vazia na primeira lixeira que encontrou e saiu caminhando descalço pela avenida na direção do porto.

Quando seu corpo secou um pouco, ele vestiu o jeans e deu uma boa olhada em volta para encontrar um lugar onde arranjar comida. Os hotéis eram chiques demais; Will olhou para dentro do primeiro que encontrou, mas era tudo tão grandioso que ele se sentiu desconfortável, então continuou ao longo da praia até encontrar uma lanchonete que parecia ser o lugar certo. Não saberia dizer por quê — era um lugar muito parecido com dezenas de outros, mesas e cadeiras na calçada ao ar livre e uma sacada no primeiro andar carregada de flores —, mas lhe pareceu acolhedor.

Havia um balcão de bar à frente, fotografias de lutadores de boxe na parede atrás e um pôster autografado de um homem de sorriso largo tocando acordeão. Havia uma cozinha e ao lado uma porta que se abria para uma escada estreita coberta por um tapete estampado com flores de cores vivas.

Ele subiu sem fazer barulho até o pequeno patamar do segundo andar e abriu a primeira porta que encontrou. Era uma sala de visitas; lá dentro estava quente e abafado, e Will abriu a porta de vidro da sacada, para deixar entrar o ar noturno. A sala era pequena, com móveis grandes demais para o espaço, e simples, mas era limpa e confortável — ali moravam pessoas hospitaleiras. Havia uma pequena estante de livros, uma revista em cima da mesa, algumas fotos emolduradas.

Will foi olhar o resto da casa: um banheiro pequeno, um quarto com cama de casal.

Alguma coisa fez sua pele se arrepiar antes de abrir a última porta. Seu coração disparou. Ele não tinha certeza de ter ouvido um som vindo de